

CENTRO DE REPRODUÇÃO HUMANA DE RIO PRETO COMEMORA 25 ANOS

Em meados de 1.994, um sonho começava em São José do Rio Preto, quando o médico Edilberto de Araújo Filho, recém-chegado de sua pós-graduação em Reprodução Humana Assistida, Endocrinologia e Infertilidade pela Universidade da Califórnia Irvine (USA), escolheu sua cidade natal para atuar em uma das áreas mais complexas da Medicina, e uma das mais gratificantes também. Na época, quase não se falava sobre tratamentos para ajudar casais com dificuldades em engravidar. No Brasil, a primeira criança nascida por meio da técnica foi em 1.984, e pouco se evoluiu na área nos primeiros 10 anos.

“No início, as pessoas não viam o tratamento como algo comum. Existia um ‘pré-conceito’ da sociedade em relação a infertilidade. Os casais tinham vergonha de procurar ajuda, e os homens, inclusive por muito tempo, achavam que a dificuldade de engravidar era um problema exclusivo das mulheres. Para nós, médicos pioneiros na reprodução humana assistida no Brasil, não foi um caminho fácil. Não era possível obter os resultados que temos atualmente, atingidos graças a evolução da tecnologia e também das descobertas, que nos ensinam dia-a-dia sobre detalhes que podem melhorar nossos protocolos e taxa de sucesso”, conta Edilberto, que apesar de todos os obstáculos nunca pensou em desistir.

Os obstáculos começaram assim que o médico voltou ao Brasil trazendo uma parte dos equipamentos. Se organizou para trazer a outra parte quando retornasse aos EUA para apresentar um trabalho em um congresso da Sociedade Americana de Reprodução Assistida. Porém esse equipamento ficou preso na alfândega e, devido ao atraso, o CRH Rio Preto foi inaugurado em 1.996 – inicialmente instalado no último andar do Hospital Nossa Senhora da Paz (hoje desativado).

“No primeiro grupo de FIV (Fertilização ‘in vitro’), devido a uma oscilação de energia, passamos a noite toda acordados controlando a temperatura da incubadora para que não prejudicasse os casos. Trouxemos uma equipe dos Estados Unidos (a bióloga Ellen Marelo, Dra. Verônica Alan e Dr. José Balmaceda) e logo no nosso primeiro grupo, com 13 casais participando, obtivemos 7 gravidezes (taxa de sucesso de 50%) – o que era incrível, já que as taxas de gravidezes por meio da FIV naquela época eram de 30%”, lembra Dr. Edilberto. Os primeiros bebês nascidos no CRH Rio Preto foram trigêmeos – era comum que serviços de reprodução humana transferissem de 3 a 4 embriões, pois as chances de implantação eram menores. Então quanto mais embriões eram transferidos, maiores as chances. Hoje já não é mais assim.



Dr. Edilberto de Araújo Filho e Dra. Ligia Previato
Diretores do CRH Rio Preto

“Durante dois anos, a cada 3 meses a equipe de embriologia vinha dos EUA para fazer os grupos de fertilização das nossas pacientes. Em 2.000, mudamos para o IGO (Instituto de Ginecologia e Obstetrícia), e lá tínhamos uma ala exclusiva para o CRH Rio Preto, com centro cirúrgico, laboratório próprio e toda a estrutura necessária”, lembra o médico. O serviço também foi um dos primeiros a contar com uma psicóloga exclusiva para auxiliar os pacientes, assim como um departamento jurídico para oferecer todo respaldo para os casais, de maneira que se sentissem seguros sobre cada etapa do tratamento.